BASTONÁRIO
Av. Almirante Gago Coutinho, 151
Telef. 218 427 100 Fax 218 427 199
1749-084 LISBOA

Sua Excelência
Profª Doutora Marta Temido
Exma. Senhora Ministra da Saúde

V/ referência	V/ data	Nossa referência	Data
		ARO/S2021-22493cn/P12955cn	**21/07/2021**

Assunto: Carta Aberta | Acesso a Cuidados de Saúde

Sua Excelência,

Como é do conhecimento de V. Exa. o foco noticioso da imprensa continua a dar primazia ao número de novos casos de Covid-19 e ao consequente impacto nos internamentos em enfermaria e em cuidados intensivos. Felizmente a gravidade da doença Covid-19 foi significativamente mitigada pelo processo de vacinação em curso, o que nos dá alguma tranquilidade quanto à capacidade e qualidade de resposta do SNS. É evidente que esses serão sempre valores a acompanhar. Mas o foco no SARS-CoV-2 não nos pode fazer desfocar o resto, sobretudo quando o resto é tanto e tão importante para a saúde de todos os portugueses.

O Movimento Saúde em Dia, que a Ordem dos Médicos constituiu juntamente com a Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, tem vindo a congregar e a analisar o impacto das opções políticas feitas durante a pandemia em todos os outros doentes, os chamados doentes não Covid-19. O cenário, não há outra forma de o dizer, é muito preocupante e merece um plano de ação forte para recuperarmos tudo o que ainda for possível recuperar. É por isso que a Ordem dos Médicos tem insistido, desde há vários meses, em várias medidas concretas que nos podem ajudar a melhorar o acesso de todos os doentes a cuidados de saúde em tempo clinicamente aceitável.

Durante o primeiro ano de pandemia todas as linhas de atividade clínica foram afetadas – e não negamos que houve uma necessidade de adaptação que é perfeitamente compreensível perante uma emergência como a que vivemos atualmente. Mas, na nossa opinião, para além de termos ido muito para lá do razoável no equilíbrio que deve existir entre a resposta aos doentes com Covid-19 e a resposta aos nossos doentes não Covid-19, faltam implementar algumas medidas que consideramos essenciais para recuperarmos a saúde dos nossos doentes de sempre. Por exemplo, os médicos de família foram e continuam a ser "desviados" da sua missão essencial, para continuarem a dar apoio aos doentes com Covid-19 e ao processo de vacinação. De resto, é sempre bom recordar que cerca de 96% dos casos Covid-19 foram e estão a ser acompanhados fora dos hospitais, até porque apesar da incidência não ter agora tanto impacto nas hospitalizações, a verdade é que os doentes seguidos em casa continuam a ser em elevado número e a precisar de monitorização regular como continua a ser recomendado pelas Autoridades de Saúde.

BASTONÁRIO
Av. Almirante Gago Coutinho, 151
Telef. 218 427 100 Fax 218 427 199
1749-084 LISBOA

Todos os médicos e os outros profissionais de saúde fizeram e continuam a fazer um trabalho extraordinário nas suas áreas de atuação e a resiliência e capacidade de adaptação são de saudar, mas há naturalmente linhas vermelhas ultrapassadas com prejuízo para os profissionais de saúde e para os doentes. O resultado das opções políticas do último ano traduziu-se numa grosseira quebra de acesso. Nos centros de saúde as consultas médicas presenciais caíram 46%. No mesmo período, os dados indicam que houve um crescimento nos contactos/consultas a distância, tendo sido realizados 21 milhões, mas a verdade é que mais de 17 milhões foram para acompanhar doentes Covid, com uma média de mais de 40 mil doentes por dia.

Nos hospitais a quebra nas consultas foi de 13% (mas o Portal da Transparência não nos permite desagregar os contactos telefónicos simples das consultas presenciais). As urgências caíram 40%, com valores de redução muito significativos nos doentes com prioridade vermelha, laranja e verde, isto é, nos mais graves. Já as cirurgias sofreram uma quebra de 25% e foram feitos menos 29 milhões de exames complementares de diagnóstico e terapêutica.

A título de exemplo, partilho dados relacionados com a oncologia e que antecipam um verdadeiro tsunami nesta área. Relativamente ao programa de rastreios oncológicos, registaram-se menos 21% de mulheres com registo de mamografia nos últimos dois anos (menos 169 mil), menos 12% de mulheres com colpocitologia atualizada (menos 140 mil) e menos 7% de utentes inscritos com rastreio do cólon e reto efetuado (menos 125 mil). Estes valores traduzem-se, naturalmente, em muitos doentes "transparentes" que não sabemos quem são e que, por isso mesmo, não figuram nas listas das consultas e cirurgias hospitalares por fazer.

Infelizmente há muitos mais exemplos. Na diabetes, área em que Portugal já tinha um complexo caminho a percorrer, a incidência de novos casos caiu 26%. Não sendo possível uma melhoria de um ano para o outro numa doença associada a estilos de vida, isto significa que vamos reencontrar estas pessoas mais tarde, mais doentes e com mais sequelas. Mas mesmo para quem o sistema conhece, o impacto também se fez sentir: os doentes inscritos com diabetes com exame dos pés realizado reduziram-se 34%, com menos 210 mil exames feitos no primeiro ano da pandemia. Também a proporção de doentes diabéticos com exame oftalmológico teve uma quebra de quase 20%.

Sei que as várias unidades de saúde (hospitais e centros de saúde) estão a fazer um enorme esforço suplementar para tentar recuperar os doentes já conhecidos. Mas, Senhora Ministra, é imperioso ir mais longe. É essencial retomar toda a saúde do país, ganhar pé, ficar com a cabeça fora da água. Identificar os doentes que ainda não têm rosto, que ainda não têm diagnóstico, que ainda aguardam por um rastreio, que precisam de ser tratados, mas não sabem, que precisam com urgência da nossa mão para os ajudar a viver de novo.

Será com certeza necessário implementar várias medidas essenciais para que a recuperação da saúde dos portugueses possa ser possível. O tempo é neste momento o nosso maior adversário. A urgência de quem precisa de nós não espera. As doenças, tal como os vírus, não param nem fazem férias ou fins-de-semana prolongados e, mais do que nunca, temos de preparar bem o próximo inverno em termos de recuperação dos doentes, continuidade da vacinação Covid-19 e da tradicional gripe sazonal, que poderá ser especialmente agressiva.

BASTONÁRIO
Av. Almirante Gago Coutinho, 151
Telef. 218 427 100 Fax 218 427 199
1749-084 LISBOA

Senhora Ministra, dirijo-me hoje a V. Exa. para lhe fazer e deixar um único pedido. Um pedido que já formulei publicamente. Um pedido que é vital neste momento para nos encontrarmos com os nossos doentes e os nossos cidadãos. Senhora Ministra, liberte os nossos médicos de família para que possam exercer a sua atividade habitual em pleno. Os cuidados de saúde primários são a principal porta de entrada no SNS. E os nossos cidadãos e doentes precisam, mais do que nunca, dos seus médicos de família. À crise social e económica não podemos somar uma longa crise de acesso a cuidados de saúde. Deixe os médicos de família cumprir a sua missão em pleno. Liberte-os das múltiplas tarefas Covid-19, e em especial do trace-covid, que absorvem uma parte muito importante do seu tempo e limitam de forma irreversível a sua atividade habitual. Como V. Exa. sabe é possível contratar outros médicos para efetuarem tais tarefas. Dentro ou fora do SNS. Não perca mais tempo, até porque não o temos.

Estamos ao dispor para o que considerar necessário.

Muito obrigado.

Com os melhores cumprimentos,

O Bastonário da Ordem dos Médicos,

Dr. Miguel Guimarães